



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM PESQUISA: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, EM UMA ESCOLA NO MARAJÓ DAS FLORESTAS

JOÃO PEDRO REIS DE SOUZA; SÔNIA MARIA PEREIRA DO AMARAL

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados das vivências e experiências resultantes da realização do Estágio Curricular em Docência no Ensino Fundamental, desenvolvido no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, Campus Universitário do Marajó-Breves, realizado de forma presencial, pós-pandemia da Covid-19. Para o presente estudo, utilizou-se a abordagem da pesquisa qualitativa que tem como foco de estudo o processo vivenciado pelos sujeitos, os sentidos e significados dados às práticas cotidianas, tendo a observação participante como instrumento para a coleta de dados. Os estágios foram realizados em turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Os resultados desta experiência reafirmam a importância dos estágios para a consolidação teórico-prática da formação docente. Foi possível observar que as experiências no chão da escola são de grande relevância para a reflexão sobre a futura profissão, para os diferentes papéis que um educador tem na condição agente na relação sócio educacional, compreender que a docência requer aprendizagens no campo do planejamento, da gestão do tempo e da sala de aula. Que as aprendizagens por acontecerem em ritmos diferentes, demandam estratégias também diferenciadas, que o docente deve estar atento aos diferentes níveis de desenvolvimento de seus alunos e a forma como estão se posicionando no mundo, já que nos anos iniciais as crianças encontram-se em processo de autonomia de interação consigo e com o outro, que reverbera na necessidade de práticas pedagógicas críticas, criativas e inovadoras, tornando-se desafios pedagógicos, em muitos casos, quebra de tabus; portanto o trabalho realizado cumpriu os seus objetivos e assim contribuiu, dentre outros para a produção da identidade docente por meio da experiência.

Palavras-chave: Formação docente; Estágio no ensino fundamental; Pesquisa; Experiências; Vivências

1 INTRODUÇÃO

O componente curricular Estágio em Docência no Ensino Fundamental do Curso de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Humanas do Campus Universitário do Marajó-Breves, permite ao acadêmico possibilidades de aprendizados que auxiliam no desenvolvimento de habilidades que irão contribuir na área de atuação do graduando, permitindo o contato com diferentes faixas-etárias, diferentes turmas, consequentemente, diferentes aprendizados a partir do contato com o seu campo de trabalho.

Situando-nos no contexto desses aprendizados é que o presente relato de experiências se apresenta como relevante para a formação docente, uma vez que pensamos o estágio para além de um simples componente curricular do curso, mas como uma possibilidade de compreendermos à docência também pela pesquisa, no chão da escola, diante das reflexões sobre as práticas vivenciadas e das nossas próprias práticas, considerando o que afirmam

Pimenta e Lima (2011) de que, pelo estágio com pesquisa produz-se possibilidades dos estagiários desenvolverem posturas e habilidades de pesquisador. Nessa perspectiva buscamos também as orientações de Freire (2007), para quem o professor precisa ser um aprendiz ativo e cético na sala de aula, e se assim for, os alunos terão a oportunidade tornarem-se, curiosos, críticos e criativos.

A metodologia do estágio com pesquisa (Ghedin, 2015) firmou-se na abordagem qualitativa de pesquisa, que tem como foco o estudo de processos vivenciados pelos sujeitos. Para Minayo, (2015), aplica-se ao que não pode ser quantificado, trabalha-se com o universo dos significados, motivos, aspirações, valores e atitudes, cabendo então ao objeto de estudo em destaque que são as experiências vivenciadas com turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola no município de Breves Pará. As turmas onde aconteceram as experiências eram compostas entre 20 e 35 alunos. Com exceção do 1º ano, que contava com duas professoras titulares, os demais anos apenas com um professor titular e um de apoio, caso houvesse aluno incluso (Pessoa com Deficiência - PCD ou transtornos).

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência das vivências e experiências realizadas durante o período de estágios em Docência no Ensino Fundamental, realizado de forma presencial, pós-pandemia da Covid-19 nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola no Marajó das florestas.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

A entrada no campo de estágio, requer que inicialmente passemos pelas orientações na sala de aula do nosso curso, que envolve: reflexões sobre como se apresentar no futuro campo de trabalho, o reconhecimento da base legal para a formação docente, os convênios interinstitucionais locais, os documentos necessários para apresentação do estagiário e as orientações para o nosso papel de assistentes dos professores, quando desenvolvemos o processo de observação participante e posteriormente regentes nas turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental.

Para a apresentação dos resultados, produzimos um caderno pedagógico, também conhecido pela pesquisa como caderno de campo, constituído das análises críticas reflexivas de todo o processo do estágio. Para cada ano de ensino passamos primeiramente pelo processo de acompanhamento, que é uma forma de observação participante. Auxiliamos o professor titular e junto vamos observando a prática docente e o desenvolvimento da turma, a forma como acolhem e dão respostas ao que é ensinado. No segundo momento que é a regência, assumimos as responsabilidades do professor titular - a gestão da sala de aula, do tempo de trabalho, dos recursos, enfim, de todo o trabalho pedagógico.

A escola onde realizamos o estágio é considerada de grande porte, no centro da cidade, porém os alunos/as vêm de todos os bairros. Aparentemente possui uma boa infraestrutura, entretanto, foi possível verificar que também há desafios a serem superados em relação as condições de trabalho e estudos, pois há salas com pouca ventilação e com um número de alunos que consideramos inadequado, por ser pequena e não possibilitar atividades que demandam de espaços, deixando alunos e professores “presos” em metodologias que não comportam a motricidade, o que gera prejuízos nas aprendizagens, considerando que crianças do 1º ano estão saindo da educação infantil e se adaptando a nova forma de ensino. Além de pontos que precisam melhorar, há muitos outros positivos, que contribuiram para a formação da identidade docente e serão discutidos no tópico abaixo.

3 DISCUSSÃO

No decorrer dos estágios destacamos como fundamental para o processo ensino-

aprendizagem a relação dos alunos e alunas com os professores. Na maioria das turmas havia respeito mútuo, expressões de amor e carinho. Para Freire (1996, p.141), “Essa abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la”. Entretanto, essa relação entre professores e alunos nos pareceu muito espontânea, não havia nenhuma forma de obrigatoriedade para o tratar bem, somados a linguagem de alguns docentes que era atrativa e de fácil entendimento, o que mostrava a experiência na área da educação.

Fomos muito bem recebidos pelas crianças que também estavam nos observando, para elas, éramos a novidade na sala de aula. À medida que perceberam que podíamos ajudar, passaram a interagir conosco e assim fomos nos aproximando, ratificando os estudos que afirmam as diferenças nos ritmos de aprendizagens, comungando do que diz Tafner (2003), de que mesmo que o professor queira que os alunos avancem juntos, cada um tem seu próprio ritmo, por isso é preciso estratégias diferentes para alcançar níveis diferentes, essa é a compreensão que o docente deve ter.

Outro fator que nos chamou a atenção no processo de estágios, foi o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos, no primeiro ano, alguns nos surpreenderam, pois, a leitura já era fluente para frases simples. Para Bresson (2001, p. 24) “A aprendizagem da leitura e da escrita requer ensino: não é suficiente que em nossa vida cotidiana o cartaz, a embalagem, os sinais de trânsito ou as paradas de ônibus ou metrô sejam oferecidas aos nossos olhares desde a mais tenra idade”. Dessa forma, levantamos a hipótese de que um dos fatores que contribuiu para a aquisição da leitura das crianças, foi a formação docente, a experiência que os professores têm na área da alfabetização e por essa razão trabalham de maneira assídua com as crianças. Uma docente nos relatou que incentivava a leitura dos alunos, o que era bem perceptível, haja vista que liam bem e de alguns a escrita era caprichada, certo que havia aqueles com dificuldades, mas o auxílio e a atenção dos docentes os ajudavam a continuarem fazendo as leituras diárias. Experiência que pode ser considerada como formadora para nós, pela beleza que transpira no saber ensinar e para Freire (1996, p. 95), “a boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético”.

Nesse processo, não chegamos com expectativas de que só teríamos situações cômodas, sabíamos que também vivenciaríamos momentos tensos da profissão docente e eles apareceram. Percebemos dificuldades em docentes em lidar com turmas agitadas, onde a voz dos professores não era suficiente para garantir a motivação para as aulas, assim, muitas vezes não conseguiam manter a turma concentrada nas atividades, o desinteresse era perceptível. Para Aquino (1996, p.34), “a relação professor-aluno é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta”. Diante desses fatos, questionamos: o que precisa ser feito para que essas crianças encontrem motivação para estudar? Seriam as metodologias que não encantam? Não estaria na hora de explorar estratégias lúdicas que as envolvessem?

Nas regências, tentamos desenvolver o lúdico, pois segundo Ide (2000), fundamentada em Piaget, diz que não se pode apenas pensar no jogo, na brincadeira como divertimento, mas utilizá-lo pedagogicamente, pois desenvolve o físico, cognitivo, afetivo, social e moral, ou seja, conduz ao desenvolvimento pleno, que é premissa da educação. Além do que, ainda, de acordo com Ide (2000, p. 96), com o jogo, “as crianças ficam mais motivadas a usar a inteligência, pois querem jogar bem; sendo assim, esforçam-se para superar obstáculos, tanto cognitivos como emocionais. Estando mais motivadas durante o jogo, ficam também mais ativas mentalmente”. Foram experiências que nos ajudaram a contribuir com o desenvolvimento educacional dos alunos. Embora em pouco tempo, percebemos um impacto positivo pela recepção e resultados apresentados diante das atividades realizadas por nós.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), é premente considerar que os estudantes estão passando pelo desenvolvimento de novas formas de relação com o mundo, são mudanças importantes que devem ser consideradas por seus professores. Aspectos como autonomia no desenvolvimento da linguagem, nas suas interações com os espaços e em particular consigo e com o outro. E nesse processo, percebemos a preocupação dos docentes, nos diversos níveis, oferecendo aos alunos condições para o desenvolvimento cognitivo, na leitura e na escrita, que são bases para os anos iniciais, mas também, no campo afetivo, onde havia docentes que se preocupavam com as vivências cotidianas das crianças, perguntavam se elas estavam bem e quando detectavam algum problema, os escutavam. Para Freire (1996, p. 113), “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. Nesse contexto de aprender e ensinar, tivemos a possibilidade de também aprender a escutar. Uma escuta livre, sem imposições, mas cheia de acolhimento, afeto, capaz de deixar o outro livre para demonstrar as suas fraquezas, mas também, a sua generosidade. Fraquezas e generosidades que se encontram no fazer docente e que o/a futuro/as professor/a, deve estar atento para saber lidar com cada uma delas, dentro do processo de aprendizagens colaborativas. Com a ajuda de Franco (2012), refletimos as práticas pedagógicas como práticas sociais exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos

4 CONCLUSÃO

Com as experiências vivenciadas ratificamos a importância do ato de ensinar. As experiências obtidas com os alunos e professores nos ensinaram a não somente ser um professor, mas ser um amigo, alguém que se conecta com os discentes e se importa com os problemas que eles passam, semelhantes aos professores com os quais tivemos as experiências nos estágios. Foi possível perceber que as suas metodologias inclusivas ajudavam os alunos em suas dificuldades e os incentivavam a buscarem mais, nos fez entender na relação teoria-prática, a responsabilidade da reflexão na e sobre a prática, nos unindo aos estudos da pedagogia histórico-crítica que nos fazem reconhecer a escola dentro da dinâmica e da prática social.

Dos nossos achados, muito nos animou a relação de respeito, dialógica e de afeto entre professores e alunos. Na maioria das turmas, foi notório como os professores buscavam por diferentes formas o desenvolvimento das aprendizagens, indicando que suas formações estão conectadas com o nível de ensino que atuam, com o conhecimento dos diferentes estágios de desenvolvimento que se encontram os alunos, seja cognitivo, físico, afetivo, dentre outros, mas também destacamos que ainda há docentes que precisam de maior engajamento na sala de aula para que o seu trabalho desperte o interesse de seus alunos.

Por fim, consideramos que com essa experiência, compreendemos que a prática educativa do cotidiano docente, é desafiadora, por vezes revelam momentos de “fácil” construção, mas em outros, é preciso quebrar tabus, vencer desafios em situações totalmente inversas que requerem muito mais que um conhecimento técnico, porém humano e justo socialmente. Tais experiências foram de grande relevância para a reflexão sobre a nossa futura profissão e para além, no nosso papel como agentes na relação sócio educacional da qual fazemos parte; portanto, fundamental para a produção da identidade docente.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional. São Paulo: **Summus**, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC.2017.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-fundamental-anos-iniciais/>. Acesso em 10/11/2023

BRESSON, F. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, R. Práticas da Leitura. (org). São Paulo: **Estação Liberdade**, 2001.

FREIRE, P. Educação e Mudança. 30ª ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2007. FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. 31ª ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1996. FRANCO, M. A. do R. S. Pedagogia e prática docente. São Paulo: **Cortez**, 2012.

GHEDIN, E. OLIVEIRA, E. S. de, ALMEIDA, W.A. de. Estágio com Pesquisa. São Paulo: **Cortez**, 2015.

IDE, S. M. O jogo e o fracasso escolar. In: KISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: **Cortez**, 2000.

MINAYO, M. C. de S. org.; DESLANDES, S. F; GOMES, R. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 34 ed. Petrópolis, RJ, **Voices**, 2015.

PIMENTA, S. G. e LIMA, M. do S. L. Estágio e Docência. São Paulo: **Cortez**, 2011.

TAFNER, E. P. A. A contextualização do ensino como fio condutor do processo de aprendizagem. 2003.